

# Colorindo o livro com a cor preta: diálogos sobre as relações raciais e a literatura infantil

## RESUMO

### Beatriz Gomes

[gomesb.beatriz@gmail.com](mailto:gomesb.beatriz@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-1253-0442>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

### Isis Tomas da Silva

[isistomas@gmail.com](mailto:isistomas@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2921-2256>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

### Amauri Mendes Pereira

[amauripereira1@ufrj.br](mailto:amauripereira1@ufrj.br)

<http://orcid.org/0000-0003-4788-5005>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

O presente artigo é fruto de reflexões sobre as possibilidades de como a literatura infantil surge como um instrumento da ampliação de debates sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e instrumento de combate ao racismo. Nosso objetivo foi analisar as potencialidades deste gênero literário na formação da criança, as suas possibilidades de comunicação com a educação para as relações étnico-raciais, destacando a Lei 10.639/2003, e sua importância para a construção de autoestima e identidades negras positivas. Debruçamos nossos olhares sobre a obra, “Minha mãe é negra sim”, de autoria da escritora negra Patrícia Santana e por meio dela abordamos as questões da educação, ancestralidade e identidade. Para embasar nossas reflexões nesses eixos, dialogamos com Nilma Lino Gomes, Débora Cristina de Araújo e Wanderson Flor do Nascimento, que nos auxiliaram na construção de reflexões aprofundadas sobre a temática, especialmente no que se refere às potencialidades da infância e da ancestralidade em uma perspectiva afrocentrada. Observamos que, apesar dos desafios da abordagem das relações étnico-raciais na educação, a literatura infantil afro-brasileira possibilita um trabalho desconstrutivo e possibilita espaços e oportunidades para que as crianças negras se vejam representadas positivamente nas histórias que são lidas, fortalecendo e resgatando seu elo com sua ancestralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações raciais; Literatura infantil; Ancestralidade; Representatividade.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta reflexões acerca das possibilidades da literatura infantil como uma categoria que pode contribuir para a ampliação dos debates sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, além de seu papel na luta contra o racismo.

Objetivamos analisar as potencialidades do gênero literário em questão na formação da criança, as suas possibilidades de comunicação com a educação para as relações étnico-raciais, destacando a Lei 10.639/2003 e as possíveis contribuições para construção de identidades positivas para a população negra, combate ao racismo e representatividade negra responsável por meio das obras literárias.

Para tanto, concentramos nossa atenção no livro infantil "Minha mãe é negra sim!", escrito pela autora negra Patrícia Santana. Essa obra narra a história de Eno, um menino negro que, ao desenhar e colorir sua mãe com um lápis preto, recebeu a sugestão de sua professora de Artes de que seria mais bonito pintar a pele de sua mãe com a cor amarela. A partir desse episódio, a história desenrola-se explorando os impactos dessa declaração na vida de Eno, até que o menino encontre apoio e referências positivas sobre a cor de sua pele ao compartilhar seus sentimentos com seu avô Damião.

Optamos por dialogar com essa obra devido as semelhanças com a problemática do lápis "cor de pele", que estava presente em nosso contexto educacional de maneira latente e depreciativa, exercendo uma influência significativa em nossas identidades negras. Além disso, essa obra aborda de forma sensível e acessível a temática da identidade racial, demonstrando como crianças negras podem ser afetadas por comentários e atitudes que reforçam estereótipos e preconceitos.

Ao buscar a ressignificação da cor do lápis por meio das diversas possibilidades de cores de pele, compreendemos a importância e as múltiplas formas de dialogar sobre as relações étnico-raciais na educação infantil. Entendemos que o material analisado nos permite estabelecer diversos diálogos possíveis. No entanto, ao realizar uma leitura minuciosa do livro e considerando nossa atuação como pesquisadoras e ativistas na área de educação para as relações étnico-raciais e no combate ao racismo, optamos por identificar algumas categorias para a análise, sendo elas: educação, ancestralidade e representatividade.

Para embasar nossas reflexões nesses eixos, conduzimos um estudo teórico com autoras e autores como Nilma Lino Gomes (2003; 2005; 2011), Débora Cristina de Araújo (2018) e Wanderson Flor do Nascimento (2018), que nos auxiliaram na construção de reflexões aprofundadas sobre a temática, especialmente no que se refere às potencialidades da infância e da ancestralidade em uma perspectiva afrocentrada. Com base nesse material, consultamos outras referências para dialogar neste trabalho.

Quanto à estrutura do texto, este foi organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma reflexão sobre as potencialidades da literatura na formação da criança; em seguida, realizamos uma breve análise das representações da cultura e identidade da população negra nos livros infantis e juvenis, ressaltando o papel do movimento social negro na construção de representações afirmativas nesse espaço; posteriormente, desenvolvemos a análise do livro "Minha mãe é negra sim!", explorando alguns aspectos

específicos da obra. Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca do trabalho realizado neste artigo.

### **A LITERATURA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

Ao lançarmos o olhar para a história, podemos observar que o ser humano sempre esteve imerso no universo das narrativas, sejam elas manifestadas por meio da oralidade, da escrita ou de expressões artísticas.

E é trazendo este entrelace entre a capacidade humana na ideação de histórias, sendo elas ficcionais ou não e a importância da literatura na construção da identidade e resgate da ancestralidade - principalmente ao pensarmos no gênero literário direcionado ao público infantil - que buscamos compreender o papel da literatura voltada a este segmento.

Além da valorização da cultura afrobrasileira, como poderemos observar nas sessões seguintes, também notamos que “o ato de ler, ouvir e construir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade” (Silva, Paulino & Ferreira, 2011, p. 288), daí a importância das representações positivas de um determinado grupo na formação de um indivíduo.

Assim, para além de sua contribuição na valorização de um determinado grupo, é igualmente relevante reconhecer a importância da literatura infantil como um espaço de produção e construção de sentidos, capaz de promover o enaltecimento ou o apagamento das diferentes identidades humanas (OLIVEIRA, 2003), como tem ocorrido historicamente com a valorização da cultura ocidental branca em detrimento de outras manifestações culturais.

Desta forma, é a partir das histórias que as percepções acerca do mundo são formadas, tecendo os modos de falar, escrever, pensar e refletir sobre si e sobre o mundo no qual se está inserido. Isto é, o “fazer” histórias contribui de maneira significativa na formação da subjetividade infantil e em sua identidade ainda em construção.

Nesse sentido, dada a relevância das histórias, em especial as escritas por meio da literatura na formação da subjetividade e da valorização da cultura afrobrasileira, é de suma importância refletir acerca de como a população negra esteve e vem sendo representada na literatura infantil brasileira durante as últimas décadas:

A literatura dirigida ao público infantil começa a ser publicada no Brasil nos fins do século XIX e início do século XX. No início tinha fins didáticos, ou seja, eram publicações destinadas à educação formal, à moralização, ou à evangelização de crianças e jovens. Mas os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo. (JOVINO, 2006, p. 187).

Em consonância à perspectiva de Jovino (2006), Gouveia (2005) realiza uma análise das obras literárias direcionadas ao público infantil entre os anos de 1900 e 1930. A autora destaca a representação do personagem negro nessas histórias, ressaltando que sua presença, inicialmente, era quase inexistente ou apenas mencionada de forma estereotipada dentro do contexto doméstico.

É somente a partir da década de 1970 que a população negra esteve mais representada na literatura infantil, pois o preconceito e a discriminação racial foram abordados por autores diversos, principalmente àqueles ligados aos movimentos sociais negros (Jovino, 2006):

[...] somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. (JOVINO, 2006, p.187).

Atualmente, já existem literaturas que colocam as pessoas negras como protagonistas e valorizam suas histórias e culturas, diminuindo a ênfase no período da escravidão. Essas obras abordam não apenas a relevante contribuição da cultura afrodescendente na construção da sociedade brasileira, mas também refletem um movimento observado por Silva (2016) na literatura infantil contemporânea, onde há uma preocupação política em ressaltar a identidade cultural, os costumes, a importância e a autonomia das pessoas negras, retratando-as como heróis de suas próprias histórias.

### **REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM DIÁLOGO**

Embora recente, as discussões acerca do termo representatividade têm ganhado espaço dentro e fora do âmbito acadêmico. Atualmente, autores como Mariosa (2011), Caetano (2022), Sousa (2018), dentre outros, já expressaram a importância da representatividade para grupos minoritários, principalmente no fomento da construção da identidade das crianças negras.

Antes de iniciar a discussão sobre a importância da representatividade para a valorização da cultura afro-brasileira, aqui compreendemos o conceito de identidade como sendo algo em construção, formado conforme se dá às relações sociais entre os sujeitos que compõem uma sociedade. Neste sentido:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).

O termo representatividade pode ser entendido por nós “como tudo aquilo que é representativo para um indivíduo, uma maneira de identificação com algo ou alguém” (SOUSA, 2020, p. 12). Ou seja, a formação da identidade está intimamente entrelaçada pela forma como o sujeito se relaciona com o meio no qual ele está inserido.

Tendo isto em vista, Gomes (2005) ressalta a importância de papéis identificatórios positivos, dentro e fora do âmbito familiar, principalmente quando trazemos em cena a realidade brasileira. Para a autora, a construção positiva da identidade é um desafio a ser enfrentado pelas pessoas negras no país, uma vez que a história ensinou que para serem aceitas era preciso negar-se a si mesmo, embranquecer-se (MALAFAIA, 2018). Desta forma:

[...] É devido à representatividade positiva, que nos sentimos pertencentes a um grupo, sem querer negar nossa própria identidade para sermos aceitos por outras pessoas [...]. E sentir-se pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa. Quando uma cultura é desvalorizada, excluída ou marginalizada, fica difícil para um indivíduo se reconhecer como sendo pertencente a um grupo. Por isso, quando é visto personagens negros desempenhando apenas personagens subalternos, no consciente das pessoas negras a tendência é que rejeite suas raízes, e tenha problemas também com baixa autoestima e insegurança (SOUSA, 2020, p. 30).

Em consonância com os pensamentos de Sousa (2019) e com a citação acima, na qual a autora destaca as possíveis consequências da estereotipação da população negra - seja na literatura ou em outros meios midiáticos - com ampla difusão reiterando estereótipos racistas, entendemos que é comum a indução de que há um lugar do negro, sendo este o da subalternidade.

Neste sentido, é possível afirmar que a literatura infantil possui um papel fundamental para a desconstrução dessa imagem e a construção de uma nova narrativa social, onde papéis identificatórios positivos atuam de forma a combater a massificação e a internalização da imagem negativa atribuída às pessoas negras, principalmente quando tratamos do público infantil, onde sua identidade está em processo formativo.

Assim, afirmamos a necessidade de que as crianças leiam ou escutem narrativas de livros nas quais as personagens negras estejam em contextos favoráveis e não somente em uma condição social inferior à do branco (SOUSA, 2019). Podemos dizer que é essencial que os livros tragam personagens que valorizem sua cor, sua história e sua cultura. E embora nos últimos anos tenhamos observado um aumento das representações positivas nos livros infantis, reflexo de lutas sociais, ainda temos um longo caminho a ser percorrido.

## RELAÇÕES RACIAIS E LITERATURA INFANTIL

Assim como outras mídias e manifestações artísticas, a literatura pode ser um meio de reprodução de sentimentos de uma determinada época, contextos políticos ou de referências estéticas e sociais. Por essa razão, ela não está isenta da reprodução de estereótipos racistas e excludentes, o que nos encaminha para a análise da problemática do racismo no Brasil e de seus impactos no gênero literário infantil.

Nilma Lino Gomes (2005) nos diz que o racismo é tanto um comportamento e ação resultantes da aversão e por vezes ódio em relação às pessoas que possuem traços característicos de um pertencimento racial específico, assim como um conjunto de ideias e imagens de quem acredita na superioridade de determinados grupos raciais em relação a outros.

Citando alguns exemplos de como o fenômeno se manifesta na sociedade, Gomes (2005) aponta a expressão do racismo individual, que se revela “por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos” e o racismo institucional, que “implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto” (GOMES 2005, p. 52-53). O racismo institucional, segundo a autora, pode ser cometido por meio da tentativa de manter a população negra afastado do acesso a empregos, educação, dentre outros bens sociais, assim como através de dispositivos como a mídia ou em livros didáticos, ao trazerem a presença de personagens negras de forma deturpada, estereotipada ou na ausência de apresentação de uma história positiva sobre si (GOMES, 2005).

Importante ressaltar que propor a apresentação da história positiva da população negra não significa negar a existência da escravidão, ou encobrir os dados sobre a situação social que por si já revelam os impactos do racismo. Pelo contrário. É necessário que haja essa abordagem, mas sem esquecer as contribuições culturais, epistemológicas e sociais que também compõem as vivências negras dentro e fora do continente africano. Ademais, observamos a pertinência de apresentações e representações estéticas positivas, uma vez que a identidade negra é muitas vezes deturpada pelo bombardeamento do padrão estético branco e eurocêntrico vindo de lugares por vezes inimagináveis, influenciando nas subjetividades negras desde a infância. E é neste sentido que trazemos o lugar da literatura infantil neste debate.

Débora Cristina de Araujo (2018) realizou um estudo sobre as produções acadêmicas em nível de mestrado e doutorado realizadas entre os anos de 2003 e 2014, dentro da categoria denominada por ela de “Literatura Infantil e Juvenil” (LIJ), na dimensão das relações étnico-raciais. Interessante observar que o período analisado pela autora corresponde aos dez primeiros anos da implementação da Lei 10.639/2003, o que pode suscitar algumas reflexões em torno dos resultados de sua pesquisa.

Dentre as suas considerações, Araújo (2018) observa que, em análises mais amplas sobre as fases da LIJ no Brasil, as relações raciais não se apresentaram como marcadores importantes ao longo da história. Apesar disso, cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores têm se aprofundado nas investigações sobre a LIJ e a representação dos grupos humanos, em especial, a população negra.

Entretanto, há divergências sobre como essas reproduções acontecem, segundo a autora. Se por um lado há um grupo expressivo de estudiosas e

estudiosos que reconhecem os avanços das representações das personagens negras na LIJ, comparando com os primórdios dessas produções onde sequer havia personagens negras de destaque, há outro grupo crescente de estudos e autores que consideram “que mesmo em períodos considerados como ‘vanguardistas’ (por viabilizarem personagens negras), as condições de estereotipia e inferioridade se mantiveram” (ARAÚJO, 2018, p. 63).

Dentre os estudos observados pela autora, destacamos a pesquisa de Luciana Araujo Figueiredo, publicada no ano de 2010, a respeito de como as relações entre crianças negras e não negras foram construídas por meio de obras literárias. Figueiredo observou, segundo Araújo (2018), que houve um significativo aumento na qualidade das representações da criança negra e da valorização dos símbolos e traços culturais referentes à pessoas negras, além de haver melhor trato das temáticas que envolvem o racismo. “Sua interpretação é que tal produção, em comparação com as obras mais antigas, seja influência das lutas sociais por representações sociais mais positivas” (ARAÚJO, 2018, p. 68).

Por fim, Araujo (2018) constata que, mesmo pequenas, houve mudanças nas representações de personagens negras na LIJ no período analisado, com menor tendência ao uso de estereótipos raciais e maior valorização da identidade e estética negra. Um dado importante observado foi que “quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito” (ARAÚJO, 2018, p. 73). Presumimos que grande parte dessa mudança se deu graças a conquistas de muitos corações e mentes, decorrentes da atuação dos movimentos sociais negros, e também devido aos êxitos das políticas de ações afirmativas no Brasil.

Em nossa concepção, as mudanças apontadas nas obras de literatura infantil referentes às abordagens sobre as relações raciais e combate ao racismo, correspondem a um fenômeno social mais abrangente. Consideramos que o Movimento Negro Brasileiro pode ser visto como motor e ponta-de-lança dessas dinâmicas sociais-culturais-educacionais, mas foram acompanhados de movimentos como o de revisão curricular e de ampliação do acesso à educação, por exemplo. Além de incontáveis (e muitas vezes anônimos) protagonismos de educadores, “no chão da escola”. Esses ativismos, também acadêmicos, propiciaram discussões mais fortes e profundas sobre visões preconceituosas e discriminatórias a respeito da História e Cultura Afro-Brasileira, que perpetuam estereótipos e distorções sobre pessoas negras nas histórias contadas em livros e em audiovisuais. E nesse aspecto concordamos com Gomes (2011, p. 112-113) ao dizer que:

As questões como a discriminação do negro nos livros didáticos, a necessidade de inserção da temática racial e da História da África nos currículos, o silêncio como ritual a favor da discriminação racial na escola, as lutas e a resistência negras, a escola como instituição reprodutora do racismo, as lutas do Movimento Negro em prol da educação começam, aos poucos, a ganhar espaço na pesquisa educacional do país, resultando em questionamentos à política educacional. Desencadeia-se um processo de pressão ao Ministério da Educação, aos gestores dos sistemas de ensino e às escolas públicas sobre o seu papel na superação do racismo na escola e na sociedade.

Reiteramos, que tais conquistas são fruto das ações da população negra, que por meio do Movimento Negro, questionam as estruturas excludentes da sociedade, para que mudanças efetivas aconteçam. É um movimento

historicamente construído. Se há delongas nas conquistas, isso se deve à morosidade e resistência de diversos segmentos institucionais, empresariais e de mídias hegemônicas, de agências e agentes governamentais, e de órgãos de Estado em admitirem a importância do racismo, como estruturante dos prejuízos materiais e morais, que assolam as populações negras.

Nesta perspectiva, as ações dos movimentos negros no campo educacional buscam mudança de paradigmas, no âmbito de saberes que ainda se pautam em perspectivas eurocêntricas e na reprodução de referenciais históricos, simbólicos e estéticos que privilegiam fenótipos de sujeitos brancos e suas culturalidades como o topo de uma hierarquia racial e civilizacional.

Dentre os exemplos de conquistas do Movimento Negro para o combate ao racismo na educação, temos a Lei 10.639/03, sancionada em 9 de janeiro de 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cuja normatização pelo CNE-Conselho Nacional de Educação, através das DCNERER<sup>1</sup> estabeleceu a obrigatoriedade da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis e modalidades educacionais. Essa Lei corresponde aos artigos 26-A e 79-A e B, que alteraram a LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, considerada um marco em termos de políticas de ações afirmativas antirracistas. Esses artigos, em 2008, incorporaram a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena, através da Lei 11.645/08, ao texto constitucional.

De forma direta ou indireta, conjecturamos que a referida lei também constituiu um movimento essencial para as mudanças na abordagem das relações raciais e combate ao racismo por meio dos livros infantis. Adaptações em currículos e culturas escolares oportunizaram outras autorias, temáticas e materiais de apoio para professoras e professores, assim como para estudantes, dentro e fora da sala de aula. O próprio mercado editorial vem sofrendo mudanças, inclusive acolhendo escritoras e escritores negros e negras, pluralizando as vozes e temáticas, aí sim capazes de expor a rica diversidade da sociedade brasileira.

Não iremos nos aprofundar nas inúmeras questões que podem ter surgido a partir da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas. Apenas salientamos que este não pode ser visto como um movimento que impactou apenas o contexto escolar. As contribuições se expandem por toda a malha social, para pessoas negras e não negras.

### **LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES RACIAIS: AFIRMAÇÕES DA NEGRITUDE**

É a partir dessa contextualização, que vamos observar uma obra literária destinada ao público infantil e que aborda a temática das relações étnico-raciais e combate ao racismo de forma positiva. Por “positiva”, entendemos a abordagem não-estereotipada, que valorize as identidades e culturas afrodiáspóricas e que assuma uma postura antirracista. Para este fim, escolhemos o livro “Minha mãe é negra sim!”, escrito por Patrícia Santana, professora, escritora, graduada em História, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que atua no campo das relações étnico-raciais e educação. Com ilustrações de Hyvanildo Leite, o livro conta a história de Eno, menino negro, que na aula de artes faz um desenho de sua mãe e quer colorir com o lápis de cor marrom. Porém, sua professora sugere à criança pintar a imagem com o lápis de cor amarelo pois, segundo ela, isso deixaria o



desenho mais “bonito”. Ao ouvir isso, Eno se entristece e recusa a terminar a obra.

Já em casa, sua tristeza continua. Recusa os prazeres que antes tinha em seu lar, como as comidas e brincadeiras das quais gostava. Passados os dias, chega o momento em que não quer mais frequentar a escola, pois lá também era alvo de “piadas” das outras crianças. Eno, então, vai até a biblioteca do bairro procurar o significado da palavra “preto” no dicionário e os vocábulos indicavam conotações negativas. Ao voltar para casa, recebe a visita de seu avô Damião e depois de muito silêncio, Eno compartilha o motivo de sua tristeza. Ao ver o banzo<sup>1</sup> do neto, vovô Damião lhe conta histórias antigas e atuais sobre o racismo e as dificuldades sofridas pela população negra, além de ensinar sobre o orgulho da cor por meio de uma canção: “Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro sim...”. Depois disso, Eno retorna à escola e entrega à professora o seu desenho com a mãe colorida de preto, dizendo: “Professora, meu desenho de mãe, não pintei de amarelo, pintei de preto em negro como é a minha mãe, como é a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pintei com a cor de mim mesmo”. E ainda completou que algum dia chamaria seu avô para dar uma aula para a sua turma, a fim de que todos aprendessem sobre a história do seu povo.

Conforme indicamos na introdução deste artigo, elencamos alguns aspectos que consideramos pertinente aprofundar no decorrer da leitura da obra. Não realizamos uma análise cronológica, ou seja, com base na ordem em que os aspectos são apresentados no livro. Optamos por fazer uma apresentação de modo geral dos mesmos. O primeiro aspecto observado se refere à educação. Na obra, além do comentário da professora sobre o lápis de cor, vemos que Eno também não gostava dos “apelidos” dados a ele pelas outras crianças, “[...] tudo coisa ou bicho” (SANTANA, 2008, p. 17). A sugestão de colorir o desenho da mãe negra com o lápis amarelo remete ao “lápis cor de pele”, geralmente tido como um tom rosado, mas que semanticamente, ao se apresentar no singular, sugere ser uma cor de pele universal, desconsiderando as diversas tonalidades de peles existentes no mundo.

O uso dessa expressão foi amplamente disseminado no espaço educacional, assim como a sua problematização tem sido igualmente divulgada pelas militâncias antirracistas. Ao sugerir que a cor da pele é estabelecida por meio de um padrão, as subjetividades das crianças negras sofrem uma distorção, como se tivesse uma “não-pele”, um problema ou mesmo que não seja considerada como humana. Aliado a isso, há a problemática dos “apelidos”, capazes de prejudicar materialmente e emocionalmente crianças e adolescentes negras-os. Ainda é comum que esses apelidos e outras “brincadeiras” e estígmias sejam minimizados como atos racistas por equipes pedagógicas, como se fossem situações normais do ambiente escolar.

Sabe-se o quanto as experiências e palavras escutadas na infância são estruturantes, revelando-se constitutivas. Os discursos enunciados por colegas, professores, por meio de livros, de histórias contadas, pela vizinha ou igreja podem propiciar ou não a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro. Por meio de processos identificatórios, as crianças apropriam-se de suas vivências na escola e estruturam-se na medida em que são mais ou menos aceitas, consideradas, escutadas e/ou silenciadas pelos educadores e nas interações com seus pares. (SOARES, 2013, p. 11).

Gomes (2003) afirma que, pensando a escola como um espaço de formação inserida em processos educativos amplos, podemos encontrar muito mais que currículos e conteúdos específicos do ambiente escolar. Lá também é um lugar que interfere na construção da identidade negra, tanto no sentido da valorização, quanto da estigmatização, discriminação e negação da mesma.

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros nos vários espaços — institucionais ou não — nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade (GOMES, 2003, p. 172).

Diante de tudo que estava sendo vivenciado, Eno vai até a biblioteca de seu bairro, procura o significado da palavra “preto” no dicionário e “Lá não viu coisa muito boa [...]” (SANTANA, 2008, p. 18). Chegamos em outro aspecto analisado na obra: a representatividade negra em nossa sociedade. Olívia Pilar de Souza (2021), em sua pesquisa sobre a representatividade de mulheres negras em uma novela brasileira, elenca um conjunto de elementos que compõem o conceito de representatividade, sendo eles: ter uma representação (presença); haver um número suficiente que efetive mudanças significativas; que essa presença seja multidimensional; e, que sejam contadas histórias diversas e não apenas se pautar numa perspectiva única, destacando as contribuições de Chimamanda Adichie<sup>2</sup>.

Não sabemos o que Eno encontrou com suas buscas, mas sua reação nos sugere que os significados atribuídos à cor preta podem estar relacionados com aspectos negativos. Expressões como “lista negra” ou “a coisa está preta” são geralmente ditas para designar situações ruins, ao mesmo tempo em que à cor branca são atribuídos significados que remetem à bondade. Esses são alguns dos resquícios da colonização branca, europeia que ainda se fazem presentes e são divulgados pelos mais diversos meios.

Conforme Caetano, Gomes e Castro (2022), é nesse sentido que o conhecimento da história e cultura afro-brasileira se faz essencial, uma vez que promove a independência colonial da população negra e não-negra, favorece uma postura em prol da sua promoção em todos os setores sociais e a valorização da identidade negra. Esse conhecimento precisa acontecer, segundo as autoras, por meio de um contato diário e não esporádico com elementos da cultura afrodiaspórica, personagens fictícios ou não, histórias, dentre outras possibilidades, como seria o caso da literatura infantil e juvenil.

As obras literárias podem motivar relações étnico-raciais igualitárias que permitam a apropriação, pelas crianças negras e não-negras, do legado histórico-cultural africano e afro-brasileiro, o combate ao racismo e às discriminações presentes na escola e na sociedade como um todo; além do respeito às diferentes culturas, identidades e singularidades, como estabelecem as DCNEI, fortalecendo entre os negros e fazendo surgir entre os não negros a consciência negra (BRASIL, 2004) (CAETANO; GOMES; CASTRO; 2022, p. 4).

O racismo vivenciado pela criança negra no espaço escolar pode desencadear uma série de traumas, reações e outros impactos negativos em sua trajetória escolar. Patrícia Santana apresenta essas situações por meio da tristeza de Eno, o banzo e para superar este sentimento, o menino teve a ajuda de seu avô, senhor Damião. O contato com a ancestralidade, na figura deste senhor, traz uma ressignificação importante para Eno. É neste momento, conhecendo seu passado e ouvindo sobre a história e cultura, que o garoto enfim encontra forças para afastar a angústia passada na escola.

De acordo com Wanderson Flor do Nascimento (2018), o conceito linear do tempo, em algumas interpretações filosóficas africanas, não existe. Passado, presente e futuro seriam construções ocidentais que consideram o passado indefinido e o presente e o futuro infinitos (NASCIMENTO, 2018). Para subsidiar seu raciocínio, Nascimento (2018) conta com as contribuições e interpretações do filósofo queniano John Mbiti sobre a linearidade do tempo, que observa como “[...] o tempo tradicional africano se move mais para trás que para a frente e que o que acontece hoje, sem dúvidas se desdobra em futuro, mas só o presente nos atravessa e nos passa: o futuro não é, senão como potência” (NASCIMENTO, 2018, p. 586). Desta forma,

Esta percepção vincula as crianças não com um futuro, mas com o passado e o presente, o que faz com que a própria experiência seja toda projetada para a compreensão de um passado e de um presente que nos faça, hoje, saber quem fomos e quem somos e, a partir desse somos fazer outras coisas, potencialmente, no porvir. Por isso é fundamental para as crianças conhecerem a história de seus antepassados vivos e mortos, o que faz com que em muitas sociedades tradicionais africanas, a educação das crianças tenha como ponto fundamental “aprender as genealogias das quais descende, o que dá um sentido de profundidade, pertencimento histórico, enraizamento e obrigação sagrada de prosseguir a linhagem genealógica” (MBITI, 1970, p. 136-137 *apud* NASCIMENTO, 2018, p. 586-587).

Ainda conforme nosso autor, esse passado é irrenunciável, um compromisso moral de toda a comunidade, projeto construído com acertos e erros “que adquire sentido no tempo, trazendo uma experiência de aprendizado constante, na busca da construção da melhor história que se puder, pois ela será sempre nossa, e não temos como nos livrar dela” (NASCIMENTO, 2018, p. 587, grifo do autor).

E é nessa perspectiva que, ao ensinar para Eno sobre o seu passado, o avô oportuniza ao neto saber de onde veio e ressignificar seu presente e seu futuro. Eno, agora, passa a construir um novo presente, que será um passado transformado e fortalecido para as próximas gerações. “Assim, somos eternamente responsáveis pela história que fazemos, pois é no presente que projetamos os ancestrais que seremos e, também, é nessa eternidade que prestamos conta para os ancestrais que vivem agora e os mortos-viventes” (NASCIMENTO, 2018, p. 587).

E é assim, com seu avô, que Eno recebe a melhor explicação sobre o que é ser “negro”, diferente daquela oferecida pelo dicionário, chegando a sugerir para a professora de Artes que toda a escola também deveria ser ensinada com o Senhor Damião. Por meio da oralidade, o avô de Eno oferece outros saberes que ainda não circulam no espaço educativo da criança, o que pode ser observado no

momento em que o menino propõe: “Qualquer dia desses meu avô vem aqui dar aula, pra todos aprenderem sobre a nossa história” (SANTANA, 2008, p.23).

Conforme Nascimento (2018), a oralidade não é apenas uma relação de fala e escuta, “ela significa, antes de tudo, uma implicação dos sujeitos naquilo que se diz e naquilo que se escuta. Não apenas a palavra está em jogo na oralidade, mas a pessoa, a comunidade, a realidade” (NASCIMENTO, 2018, p. 590). A força das palavras de Senhor Damião foi capaz de curar o banzo de Eno e provocar um desejo de mudança na criança, mudança essa que Eno considera importante acontecer também no espaço escolar, para as pessoas que ali também frequentam.

[...] para livrar-nos do ressentimento mortificador, para as perspectivas tradicionais africanas é apenas através do reavivamento da memória que se pode impedir que algumas pessoas sejam feitas de camelos servis. A proposta aqui não é de uma vida ressentida, mas de uma vida que possa reinventar, desde o já feito, outras possibilidades não mortificadoras (NASCIMENTO, 2018, p. 590).

E assim o lápis de cor deixa de ser um objeto de opressão, passando a representar um instrumento de força identitária e política. Ao colorir sua mãe com a cor do lápis que representa a cor negra, Eno reafirma, com orgulho, a sua cor e a da sua mãe.

Estes são alguns aspectos que trazemos para a reflexão neste trabalho. Acreditamos que o livro de Patrícia Santana pode ainda estabelecer debates nas salas de aulas, diálogos com as percepções das crianças, pesquisas acadêmicas, oficinas pedagógicas ou mesmo conversas casuais sobre as potencialidades da literatura infantil com perspectivas afrocentradas.

Como lembra Gomes (2003, p. 171), “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”. E esse desafio é enfrentado desde a infância, momento em que estamos descobrindo o mundo e estabelecemos as primeiras relações sociais. Acreditamos, porém, que do mesmo modo em que diversos dispositivos atuam no sentido da negação das culturas e identidades negras, também encontramos caminhos possíveis para ressignificações, como é o caso da literatura infantil, representada pela obra analisada neste artigo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Temos em mente que ainda há muito que ser feito e trabalhado para uma efetiva implementação da história e cultura africana e afrobrasileira nos espaços educativos, mas não desconsideramos que uma importante desconstrução passou a acontecer a partir da implementação da Lei 10.639/2003.

E é a partir da análise de livros como “Minha mãe é negra sim” que identificamos que a literatura infantil afro-brasileira possibilita um trabalho desconstrutivo no que tange as questões que envolvam a diversidade e as narrativas que atravessam temas como as questões étnico- raciais, criando espaços e oportunidades para que as crianças negras se vejam representadas positivamente nas histórias que são lidas, fortalecendo e resgatando seu elo com sua ancestralidade.

Sabemos ainda que mesmo que caminhemos de forma positiva para a descolonização dos currículos escolares e do pensamento social brasileiro, se faz importante o enfrentamento de práticas racistas e como vimos no decorrer deste artigo, a literatura é um valioso canal em direção a este objetivo, uma vez que ela surge como uma possibilidade de ampliação de mundo e entendimento de si e do outro.

Além disso, é importante frisar que a ampliação de publicações que visam o enaltecimento das culturas afro-brasileiras é fruto das lutas levantadas pelo Movimento Negro brasileiro. Se na atualidade vemos movimentações para implementação de leis como a 10.639/2003, é resposta a um grupo que há muito busca respeito e melhores condições de vida. Sabemos que trazer discussões sobre a diversidade dos povos que compõem o Brasil é essencial, principalmente por vivermos em um país que ainda se segura na crença de que aqui vivemos sob a égide da democracia racial.

Portanto, é crucial destacar a importância das discussões abordadas no livro analisado, para que eventos como o exemplificado na obra não passem despercebidos, uma vez que muitas vezes essas situações não são reconhecidas como atitudes racistas. A fim de combater efetivamente esse problema, é necessário compreender como o racismo se estrutura e se manifesta de maneiras múltiplas na sociedade. Conforme mencionado anteriormente, também é fundamental ensinar a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como a História e Cultura Indígena, para exercitar e construir visões críticas entre todas as crianças, desconstruindo e arredando estigmas e estereótipos, que têm servido à construção de baixa autoestima entre crianças e adolescentes negras-os, assim como favorecem autoestimas mais positivas entre crianças e adolescentes brancos-as, gerando profundas distorções na formação de suas consciências sociais, e a perpetuação das desigualdades raciais e sociais em nosso país.

## Coloring the book with black: dialogues about race relations and children's literature

### ABSTRACT

The present article is the result of reflections on the possibilities of how children's literature emerges as an instrument for the expansion of debates on African and Afro-Brazilian history and culture and as an instrument to combat racism. Our goal was to analyze the potential of this literary genre in the formation of children, its possibilities of communication with the education for ethnic-racial relations, highlighting Law 10.639/2003, and its importance for the construction of self-esteem and positive black identities. We will look at the book "Minha mãe é negra sim", written by the black writer Patrícia Santana and through it we will address the issues of education, ancestry, and identity. To base our reflections on these axes, we dialogued with Nilma Lino Gomes, Débora Cristina de Araújo, and Wanderson Flor do Nascimento, who helped us build deep reflections on the theme, especially regarding the potentialities of childhood and ancestry in an Afrocentric perspective. We observed that, despite the challenges of addressing ethnic-racial relations in education, Afro-Brazilian children's literature enables deconstructive work and provides spaces and opportunities for black children to see themselves positively represented in the stories that are read, strengthening and rescuing their link with their ancestry.

**KEYWORDS:** Race relations; Children's literature; Ancestry; Representativeness.

# Colorear el libro de negro: diálogos sobre relaciones raciales y literatura infantil

## RESUMEN

El presente artículo es el resultado de reflexiones sobre las posibilidades de cómo la literatura infantil surge como instrumento para la ampliación de los debates sobre la historia y la cultura africana y afrobrasileña y como instrumento de lucha contra el racismo. Nuestro objetivo fue analizar el potencial de este género literario en la formación de los niños, sus posibilidades de comunicación con la educación para las relaciones étnico-raciales, destacando la Ley 10.639/2003, y su importancia para la construcción de la autoestima y de identidades negras positivas. Nos fijamos en la obra "Minha mãe é negra sim", de la escritora negra Patrícia Santana, y a través de ella abordamos las cuestiones de la educación, la ascendencia y la identidad. Para basar nuestras reflexiones en estos ejes, dialogamos con Nilma Lino Gomes, Débora Cristina de Araújo y Wanderson Flor do Nascimento, que nos ayudaron en la construcción de reflexiones profundas sobre el tema, especialmente en lo que respecta a las potencialidades de la infancia y la ascendencia en una perspectiva afrocéntrica. Observamos que, a pesar de los desafíos de abordar las relaciones étnico-raciales en la educación, la literatura infantil afrobrasileña posibilita un trabajo deconstructivo y proporciona espacios y oportunidades para que los niños negros se vean positivamente representados en las historias leídas, fortaleciendo y rescatando el vínculo con su ancestralidad.

**PALABRAS CLAVE:** Relaciones raciales; Literatura infantil; Ancestralidad; Representatividad.

## NOTAS

<sup>1</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Foi resultado de dois pareceres e de uma resolução, elaborados pela professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Doutora em Educação-UFRGS – e primeira pessoa negra (indicada pelo Movimento Negro) no CNE-MEC.

<sup>2</sup> Banzo é a tristeza, saudade e depressão que caracterizou principalmente os sentimentos das pessoas africanas escravizadas no Brasil.

<sup>3</sup> Referência à palestra “O perigo da história única” proferida pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, no TED Talk, em 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story)>. Acesso em: 23 jun. 2022

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BxCZKXwnP7YjztvMnj5CdGM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (org.). **Negras (in)confidências**. Bullying não. Isto é racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

CAETANO, Janaína Oliveira; GOMES, Suzete Araújo Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–22, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18418>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e**



**Administração da Educação** – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares De. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2022.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro- Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MALAFAIA, Evelyn. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: **Congresso brasileiro de pesquisadores negros**, 10. 2018, Uberlândia

MARIOSIA, Gilmara. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças, **Estação Literária Londrina**, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho; BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar (orgs.). **Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar**. 1 ed. - Rio de Janeiro: NEFI, 2018. P. 583-595.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019.

OLIVEIRA, Eduardo David de. A epistemologia da ancestralidade. **Revista Entrelugares** – Revista de Sociopoética e abordagens afins, ISSN 1984-1787, 2009 Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo\\_oliveira\\_-\\_epistemologia\\_da\\_ancestralidade.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf)

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SOARES, Marília Carvalho. Prefácio. In.: BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (org.). **Negras (in)confidências**. Bullying não. Isto é racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

SOUSA, Bárbara. **A importância da representatividade para os grupos minoritários**: uma revolução na construção de identidades. Orientadora: Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOUSA, Gabriela Tavares. A Representatividade Negra na Literatura Infantil: dentro da sala de aula. In: **Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**, Uberlândia, 2018.

SOUZA, Olívia Luiza Pilar de. **Representatividade importa? Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a Diferença**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2021, 168 p.

SILVA, Jerusa Paulino da; FERREIRA, Rosângela Veiga Julio; FARIA, Jeniffer de Souza. A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva. **CES Revista**, v. 25, Juiz de Fora, 2011.

SILVA, Felipe. **Representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, [S. l.], 2016.

**Recebido:** 25 abr. 2023

**Aprovado:** 21 jun. 2023

**DOI:** 10.3895/rtr.v8n0.16809

**Como Citar:** GOMES, B.; SILVA, I. T. da; PEREIRA, A. M. Colorindo o livro com a cor preta: diálogos sobre relações raciais e a literatura infantil. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e16809, p. 1-18, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Beatriz Gomes  
gomesc.beatriz@gmail.com

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

